


AUGUSTO DOS ANJOS: RESQUÍCIO DO DELÍRIO ENTRELAÇADO NOS VERSOS DE O MORCEGO

 DOI: 10.5281/zenodo.5854334

Antônio Pereira Tavares Neto¹ (UPE)

califaantonio@gmail.com

José Ricardo Tomé dos Santos

jrt.santos2013@gmail.com

Jackeline Câmara

prof.jackelinecamara@gmail.com

RESUMO

A Noite é acolhedora dos medos e ao mesmo tempo narratária de uma consciência que transita por entre os “porões” da inconsistência humana. Neste artigo o delírio, pensando-o freudianamente, é estruturado, exercendo uma função para o sujeito. O repouso é uma tentativa de cura, um reparo diante do mundo mesmo que a organização, significativa, por sua vez, não seja partilhada. Estamos diante de uma metáfora: a consciência humana. No poema de Augusto dos Anjos, este em análise, vemos um morcego, a consciência noturna, quando nos recolhemos na escuridão do quarto, à noite, e que por mais tenebrosa que seja nunca deixará de ser caótica em nossas percepções. Dito isso, o objetivo deste artigo é refletir a consciência humana através da metáfora do morcego, cuja experiência nos permite reavaliar a vida e suas narrativas as quais repousam num “caos organizado”. Mesmo que a realidade fique difusa, entre a luz e a as trevas a reparação dos delírios é uma necessidade a qual não dá para controlar e que se torna urgente à manutenção de seu reparo. Para melhor acolher essa consciência convidou-se Freud (2014), Porcher (2018), Stake (2000) e outros para refletirmos conjuntamente sobre esse devaneio que é coletivo na sua essência no sentido de que todos partilham desse processo de imersão em si mesmo quando dentro do medo a luz das trevas em quatro paredes. Desse modo, nosso trabalho, também, não só analisa a consciência humana a partir da metáfora de O Morcego, poema presente na obra “Eu”, de Augusto dos Anjos como sugere uma

¹ Graduado em Letras pela Universidade de Pernambuco. Pós Graduado em Língua, Linguagem e Literatura pelo Cintep Faculdade/João Pessoa. E-mail: califaantonio@gmail.com

reflexão sobre a consciência coletiva e seus delírios, devaneios, pois tudo depende da ótica das ideias as quais deformadas pelas formas não lineares da mente.

Palavras-chave: O Morcego. Consciência Humana. Delírio. Augusto dos Anjos.

1. AUGUSTO DOS ANJOS: contextualização sobre autor, obra e característica

Os poemas de Augusto dos Anjos² estão reunidos em um único livro intitulado *Eu*³. Os poemas reunidos, nessa coleção, abordam diversas temáticas ligadas ao ser humano. O poeta tece, a partir da visão de seu eu-lírico, profundas reflexões acerca da existência e dos encaixos que esta traz ao homem mediante a um mundo vasto e repleto de dificuldades. Em maioria, Augusto dos Anjos produziu sonetos decassílabos, preocupando-se rigorosamente com a forma, típico dos poetas parnasianos e simbolistas. Entretanto, Augusto desenvolveu um novo modelo de fazer poesia, dentro da forma rebuscada. Não era, necessariamente, parnasiano nem simbolista. Ele se encaixava num novo grupo: o grupo da transição, ou seja, dos pré-modernistas. As características que o poeta tece em seus poemas são inúmeras. Características diretamente relacionadas a uma visão pessimista da realidade. Por uma ótica caótica, os poemas do pré-modernista exploram temas como: A perturbação da consciência, a morte, a (des) esperança, o medo, o pessimismo, a angústia, a ciência biológica, a defloração do ser, decomposição da matéria e o delírio.

O Poema *O Morcego* nos deixa diante de um eu-lírico que está em seu quarto, durante a noite, preparado para dormir. Uma vez recolhido no seu leito, o eu-lírico visualiza um morcego a perambular pelo espaço do quarto, na escuridão. Nesse ponto, o sujeito parece defrontar-se com a própria consciência transgredindo para uma possível inconsciência do real. Isto é, o eu-lírico parece despertar o delírio ao decorrer do poema. O morcego como a figura, talvez, da perturbação mental do sujeito.

Nesse trabalho, nós buscaremos fazer uma sucinta análise de o poema *O morcego*. O objetivo será explorar os resquícios do delírio entrelaçados dentro da

² Poeta brasileiro, de origem paraibana. Nasceu em 20 de Abril de 1884 e faleceu a 12 de novembro de 1914. Transitou por entre o parnasianismo e o simbolismo. Entretanto, muito críticos definem a produção do poeta como pré-modernista.

³ Único livro do poeta Augusto dos Anjos, publicado pela primeira vez no Rio de Janeiro, em 1912. A obra o consagrou, posteriormente, como um dos maiores poetas brasileiro.

obra. Observar como esse delírio se apresenta e como ele altera a percepção do eu-lírico em relação ao espaço em que ele ocupa. Para compreendermos sobre o delírio e como se apresenta nos utilizaremos da teoria de Freud (2014), *Schopenhauer e Porcher (2018)*.

1. AUGUSTO DOS ANJOS: impressões simbólicas de uma poética delirante

Escrever sobre Augusto dos Anjos não é fácil. Primeiramente, porque a sua produção, na nossa concepção, é carregada de subjetividade, característica que foge das produções parnasianas. De uma originalidade só sua, o poeta brasileiro explora elementos excepcionais da formação humana. Desde o teor existencial do ser até a desesperança em relação ao mundo, o pessimismo está entrelaçado. O eu-lírico de Augusto dos Anjos parece carregar as *dores do mundo*⁴ frente a uma sociedade hipócrita e impetuosa.

No poema, o qual será o nosso *corpus*, intitulado como *O morcego*, consideramos um soneto bastante complexo. A priori, a nosso ver, a complexidade se dá pelo fato de o poema mexer com as fronteiras do imaginário. Vejamos o poema:

O MORCEGO⁵

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela igneo e escaldante molho.

"Vou mandar levantar outra parede..."
— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço. Chego
A tocá-lo. Minh'alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!

Com a leitura do poema, notamos alguns elementos, em nosso entender, importantes que talvez proporcione margem para se compreender esse texto. Nesse ponto, buscaremos tecer uma análise subjetiva, no campo da simbologia.

⁴ Referência ao livro *As dores do Mundo (2013)*, de Schopenhauer.

⁵ ANJOS, Augusto dos. Poema retirado do site: <https://www.culturagenial.com/poemas-augusto-dos-anjos/>, acesso em: 22/06/2021, às 14hs.

Primeiramente, o poema traz como título *O morcego*. Etimologicamente, segundo a versão online do dicionário Aurélio⁶, a palavra ‘morcego’ significa “Nome comum aos mamíferos da ordem dos quirópteros, de corpo semelhante ao de um rato, e que têm os membros anteriores dotados de patágio, o que lhes permite funcionar como asas”. Notadamente, a palavra destacada não traz nada de incomum (etimologicamente). Porém, o morcego carrega toda uma simbologia em diversas crenças populares. Em algumas dessas crendices, o morcego está diretamente ligado ao mal. Como aquele que pode disseminar o caos. Que está ligado às ações das trevas sobre os homens. O morcego também está associado à natureza, à morte e à devastação. Há também os morcegos sanguinários; isto é, os que se alimentam de sangue. Tudo isso somado a aparência nada amistosa do animal, proporcionou que várias histórias fossem criadas e recriadas sobre essas criaturas que só aparecem durante a noite. Logo, em muitas lendas, o morcego é representado por uma ótica negativa.

O olho, destacado no poema, pode abrir espaço para uma releitura subjetivamente simbólica. O olho está como aquele que vê. Mas vê o quê? O próprio eu-lírico numa tensão delirante? Mas que olho é esse? Inúmeros mitos estão relacionados ao “olho que tudo vê”. Esse olho, segundo alguns mitos, tem criação associada ao Iluminatis⁷. Na ordem dos iluminatis, esse órgão (objeto) é chamado de “Olho da Providência”. No geral, é um olho cercado por raios de luzes e, é centrado no topo de uma pirâmide, associado ao centro de tudo. O olho, talvez, de Deus. Como aquele que tudo observa e que tudo sabe a respeito da humanidade.

O parto. No poema, o parto aparece com uma interrogação: “que ventre produziu tão feio parto?” De que parto fala o eu-lírico? Do morcego? Do olho que o observa? Ou de si mesmo? Simbolicamente, de acordo com alguns mitos populares, grandes deusas Mães, como a Mãe-Lua, Mãe-Terra ou Mãe-Natureza, eram o verdadeiro poder generativo. Seus seios e seus úteros eram constantemente venerados. Eram as deusas criadoras. Mãe de todas as coisas. O próprio universo era visto como uma grande Mãe que dava luz a tudo. Portanto, o parto, no poema, pode estar como aquele que dá origem a tudo que se passa na noite poetizada pelo eu-lírico.

⁶ Dicionário disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/> acesso em 22/06/2021.

⁷ A Ordem dos Iluminati foi fundada em 1776 na Baviera, Alemanha, pelo jurista Adam Weishaupt. O objetivo era acabar com o obscurantismo e com a forte influência que, na época, a igreja exercia sobre a esfera política. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150824_illuminati_lendas_fn acesso em 22/03/2020.

A consciência. Segundo o dicionário Aurélio (online) a ‘consciência’ é “Percepção dos fenômenos próprios da existência; Capacidade para discernir; discernimento, bom senso.” Como podemos perceber, de acordo com a definição do dicionário, a consciência assume aquilo que conhecemos por “estar ciente, lúcido”, ter a noção exata do que se diz; o raciocínio sem nenhuma obscuridade em relação as coisas. Entretanto, no poema, o eu-lírico diz que “a consciência é este morcego”. Se a consciência é o morcego, logo, ela não poderá ser a mesma consciência literal mas sim uma consciência subjetiva que beira a inconsciência.

Portanto, o morcego, o olho, o parto e a consciência contribuem, talvez, para enveredarmos não só pelas ações inconscientes do eu-lírico, mas também, nos possibilita adentrar, possivelmente, nas vias do delírio. O morcego que nasceu de um ventre obscuro pode ser o olho que perturba essa consciência...

AUGUSTO DOS ANJOS: resquício do delírio entrelaçado nos versos de O morcego

O instante é semente viva.

CLARICE LISPECTOR

Conforme Freud (2014), o delírio e o sonho emergem da mesma fonte. Isto é, ambos brotam do mesmo lugar, precisamente, do que fora reprimido. Entender o que nos diz o psicanalista é entender que o delírio, a nosso ver, vem de uma formula semelhante a do sonho. Os espaços se imbricam e a realidade se torna difusa. Compreendemos ao lermos: “Sonho e delírio vêm da mesma fonte, daquilo que foi reprimido; o sonho é, por assim dizer, o delírio fisiológico da pessoa normal” (FREUD, 2014, p. 30). Ou seja, o sonho seria uma realidade paralela para uma pessoa normal.

No poema, os primeiros versos parecem preparar o ambiente para um acontecimento fora do comum. Vejamos: “Meia-noite. Ao meu quarto me recolho. Sabemos que existe todo um misticismo em relação à “meia-noite”. Geralmente esse espaço de tempo é associado à uma hora soturna, hora em que o mundo da luz dorme e o mundo das trevas desperta. O eu lírico poderia deitar-se a qualquer hora da noite, entretanto, sua hora escolhida foi à hora soturna. Nesse interim, compreendermos, que à meia-noite já nos dar margem para entender que haverá um ocorrido místico, e no caso do poema, delirante.

O verso continua com o seguinte: “ao meu quarto me recolho/ Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:/Na bruta ardência orgânica da sede,/Morde-me a goela ígneo e escaldante molho”. À meia-noite, o eu lírico se recolhe em seu recinto. Podemos supor que tudo até então está soturno, silencioso. Imaginemos, então, que ao deitar-se o eu lírico contempla o teto, e do teto “Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede” o morcego desperta justamente na hora que o eu-lírico deseja adormecer. Então, o morcego aparece com “bruta sede” e, uma vez sedento, da garra da goela do eu-lírico com fome feroz, incendiável, sorvendo o “escaldante molho”, o sangue escorrendo das veias.

Na primeira estrofe, a nosso ver, o poema primeiro cria o ambiente (noturno), depois possibilita a criação dos elementos cuja noite comporta. O morcego, em nosso ponto de vista, é a personificação do delírio saindo do inconsciente e ganhando formas e cores “na vida real”. O autor Porcher, em seu artigo, escreve que “O delírio é um dos constructos centrais da psicopatologia. Ele é considerado a característica básica da loucura, bem como o principal critério para avaliar e diagnosticar psicoses” (p. 143, 2018). Notadamente, que o conceito de delírio se apresenta através da psicologia e da psicanálise, entretanto, o delírio que estamos analisando é no âmbito literário, subjetivo e não clínico. Nesse ponto, o que podemos absorver da citação é que delírio é uma fonte para a loucura. Nas estrofes seguinte do poema, poderemos perceber uma fronteira muito tênue entre o delírio e a loucura, assim como a angústia. Vejamos: “Vou mandar levantar outra parede...”

— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!

Ao lermos a estrofe, podemos notar no quanto o eu lírico está angustiado. Para angústia Freud escreve: “a angústia é, em primeiro lugar, algo que se sente. (2014, p72). Se a angústia é algo que se sente, logo o eu-lírico está diante de “mal lençóis”. Ou seja, o cenário o deixa vulnerável. A noite propicia para que o morcego desperte (o delírio), e uma vez desperto, a loucura (mediante a angústia e o delírio) deixa tudo confuso. A consciência clama para que se erga uma nova parede. Mas pra quê? Ora, a construção da nova parede pode simbolizar um meio de defesa. Essa nova parede pode ser uma barreira psíquica em que o eu-lírico pretende criar, mas ele não consegue, pois, ao erguer os olhos ao teto, outro olho ele encontra. Esse novo olho o observa. O amedronta, o angustia. O deixa diante de seu pior pesadelo: o delírio.

Esse olho pode ser aquele olho que observa tudo impiedosamente. O olho que tudo observa e tudo julga. Pode ser o órgão visual de Deus ou da própria sociedade hipócrita que tudo julga, que excluir e provoca desilusão no homem que sente, que sofre. Esse homem que é vigiado por aqueles que o rodeia e que nem na hora de dormir consegue se esquivar dos olhos que o julga. Nesse ponto, esse homem carrega suas dores e as dores do mundo porque ele parece representar qualquer um que esteja na mesma situação.

O filósofo Schopenhauer escreve que:

Só a dor é positiva — Tormentos da existência — O nada preferível à vida — O fim da Filosofia não é consolar — O otimismo insustentável de Leionitz — Pecado original — O mundo, um lugar de penitência. Se a nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode dizer-se que não tem razão alguma de ser no mundo. Porque é absurdo admitir que a dor sem fim, que nasce da miséria inerente à vida e enche o mundo (SCHOPENHAUER, p. 6-5).

Para o filósofo, a existência parece ser a dor, pois não há existência sem a dor. Logo, essa dor está ao nascer para um mundo repleto de incompletudes, de cobranças, de coisas incompreensíveis. A dor está ao nascer, pois o parto parece promover a dor e aquilo que brota do parto é a própria dor. Nos estrofes finais do soneto assim temos:

Pego de um pau. Esforços faço. Chego
A tocá-lo. Minh'alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!

A ação do eu-lírico é esbarrada ao contemplar a dor. Isto é, a semente que desabrochara do parto. Mas de quem foi o útero? Ora, a própria noite pariu o morcego em dor e os olhos que espionam. Ou seja, a noite, nessa leitura, pariu possibilidades para que o eu-lírico experimentasse o delírio.

Há um morcego que desperta durante a noite. A noite parece ser o útero que tudo gera. O eu-lírico está imerso nesse universo sombrio, não poderá sair dele. Há olhos que observam os seus passos. Dormir, para o eu-lírico, pode ser sua única chance de estar alheio à tormenta (morcego, olhos, parto), entretanto, é justamente quando vai dormir que a noite dar luz ao desconhecido, ao perturbador. O eu lírico se concentra para destruir seu delírio (morcego), no entanto, uma vez contemplando seu pesadelo, este perde as forças, mesmo sua alma estando toda concentrada.

Uma vez fracassada a ação de destruir o morcego, o eu lírico depara-se com a razão, com a reflexão de que:

A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!

Ou seja, o morcego (delírio), parece nada mais ser do que o próprio homem frente a frente à sua consciência. E quanto mais ele tenta se esquivar dela, talvez buscando adentrar no espaço do delírio, o momento de lucidez sempre vem para cobrar da razão. Tudo isso pode ser possível porque o delírio diverge com a realidade. Dentro do delírio coisas podem ser realizadas. Já na realidade, essa realização poderia ser impossível:

O que destacamos como essencial no delírio é a contradição com a realidade; a ilusão não tem de ser necessariamente falsa, isto é, irrealizável ou contrária à realidade. Exemplos de ilusões que se tornaram realidade não são fáceis de encontrar. Mas a ilusão dos alquimistas, de poder transformar qualquer metal em ouro, poderia ser uma delas (FREUD, 2014, p. 216).

No universo do delírio, o morcego pode ser a personificação desse mal-estar, da loucura, do incompreensível. Assim como o olho pode ser o olho de Deus ou da sociedade, como aquele que tudo observa e tudo julga. Também, a noite poder vir a ser a Mãe que dar luz as criaturas sombrias, ao medo, a tormenta, a angústia. No fundo, o poema parece ser uma busca do homem para conhecer a si mesmo através de seus medos, de suas limitações. Logo, a presença do fantástico delirante seria um possível meio de fuga para essa autodescoberta.

Considerações

Como pudemos perceber, o delírio divide fronteiras muito finas com a loucura. Ele permite que o sujeito realize ou vislumbre coisas que, talvez, no campo da realidade não fosse possível.

Portanto, é mais que fundamental o estudo acerca dessa temática para compreender o como e o porquê essa percepção difusa do mundo faz parte do sujeito e são representadas na literatura. Podemos contribuir, através de um estudo das narrativas literárias à luz da psicanálise, para a sociedade atual e para a geração futura. Deste modo, dialogar, estudar, ministrar sobre esses aspectos que compõem o humano é importante e nos podem esclarecer muitas das dúvidas que carregamos dia após dias, num angustiante silêncio.

Em O morcego podemos ter a noção do quanto podemos estar alheio aos infortúnios da existência. Existir às vezes dói! O silêncio, talvez, seja um grito! Silêncio...

Referências

FREUD, Sigmund. **O delírio e o sonho na gravida de W. e outros textos** São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **Inibição, sintoma e angústia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PORCHER, José Eduardo. **A classificação, definição e ontologia do delírio**. Revista Researchfate, Abril, 2018. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/324574535_A_Classificacao_Definicao_e_Ontologia_do_Delirio acesso em: 20/06/2021.

SCHOPENHAUER. **As dores do mundo**. Coleção Universidade. Edição de ouro. Disponível em: <https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/01/Dores-do-Mundo.pdf> acesso em 19/06/2021.